

Avaliação participativa de uma Universidade Aberta à Terceira Idade: perspectiva dos idosos

Participatory evaluation of an Open University for the Third Age: elderly's perspective

Evaluación participativa de una Universidad Abierta para Adultos Mayores: perspectiva de las personas mayores

Flávia Yamasaki
Ana Claudia Wanderbroocke
Denise de Camargo

RESUMO: O objetivo deste artigo foi realizar uma avaliação participativa de uma Universidade Aberta à Terceira Idade na perspectiva dos idosos participantes. Dez pessoas com idade entre 62 e 74 anos, participaram de uma entrevista semiestruturada, cujos dados foram submetidos à análise de conteúdo temática. Três categorias foram discutidas: satisfação com o projeto, aprendizagens para o cotidiano e recursos didáticos e planejamento. A satisfação decorreu da possibilidade de interação e aquisição de conhecimentos. Discute-se a necessidade de avançar quanto à didática empregada por parte dos professores e do planejamento do projeto.

Palavras-chave: Universidade Aberta à Terceira Idade; Envelhecimento; Avaliação participativa.

ABSTRACT: *The objective of this article was to carry out a participatory evaluation of an Open University to the Third Age from the elderly's perspective. Ten people aged between 62 and 74 years participated in a semi-structured interview, whose data were submitted to the thematic content analysis. Three categories were discussed: satisfaction with the project, learning for daily life and didactic resources and planning. Satisfaction arose from the possibility of interaction and acquisition of knowledge. It discusses the need to advance the didactics used by teachers and project planning.*

Keywords: *University of the Third Age; Aging; Participatory evaluation.*

RESUMEN: *El objetivo de este artículo fue llevar a cabo una evaluación participativa de una Universidad Abierta para personas mayores desde la perspectiva de las mismas. Diez adultos mayores entre 62 y 74 años participaron en una entrevista semiestructurada, cuyos datos fueron sometidos a análisis de contenido temático. Se discutieron tres categorías: satisfacción con el proyecto, aprendizaje diario y recursos didácticos y planificación. La satisfacción resultó en la posibilidad de interacción y adquisición de conocimiento. Se discute la necesidad de avanzar en términos de didáctica utilizada por los maestros y la planificación de proyectos.*

Palabras clave: *Universidad abierta a los ancianos; Envejecimiento; Evaluación participativa.*

Introdução

Nos últimos anos, o Brasil vem apresentando transformações na composição de sua estrutura etária, com a diminuição da taxa de fecundidade e mortalidade, e um aumento considerável do contingente de idosos (IBGE, 2008). Além desse fato, as sociedades ocidentais presenciam considerável mudança na estrutura e no funcionamento familiar, sendo que a família já não pode ser considerada única fonte de suporte aos idosos (Wanderbroocke, & Moré, 2013). Frente a essas mudanças, a sociedade precisa se preparar oferecendo meios para a manutenção da saúde, bem-estar e participação social desse grupo etário.

As políticas públicas brasileiras - Política Nacional do Idoso (Brasil, 1994) e o Estatuto do Idoso (Brasil, 2003) - estão em consonância ao que vem sendo proposto mais recentemente pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005), no que diz respeito ao incentivo de práticas que promovam uma vida longa, acompanhada de políticas e programas que gerem saúde mental, proteção, segurança, cuidados adequados quando necessário, e que oportunizem as relações sociais, visando a manter a autonomia e independência dos idosos em todos os contextos de sua vida. Esta proposta é denominada de “envelhecimento ativo”.

Tendo em vista o cenário de profundas transformações na pirâmide etária da sociedade, Veras e Caldas (2004) afirmam que as Universidades Abertas da Terceira Idade (UATI), se configuram como um meio para promover o envelhecimento ativo. As UATIs são programas de educação permanente que vêm consolidando experiências significativas para o incentivo à cidadania de idosos, por meio de ações interdisciplinares no contexto universitário.

Estes programas existem no Brasil desde a década de 80 (Eltz, Artigas, Pinz, & Magalhães, 2014) e contam com muitos participantes em diversas instituições em todo o país, inclusive muitas delas com denominações outras: Universidade Aberta à Maturidade (PUC-SP), Faculdade da Idade da Razão, FIR (Silveira, Lodovici, & Bitelli, 2013).

Quanto à produção acadêmica sobre as UATI, notou-se que, apesar de existirem estudos focados em analisar alguns aspectos socioemocionais e da participação dos idosos, por exemplo, motivação para frequentar os programas (Ordonez, & Cachioni, 2011; Cuenca, 2011; Cachioni, *et al.*, 2014), percepção sobre a velhice (Dátilo, & Marin, 2015; Silva, Cachioni, & Lopes, 2012), qualidade de vida (Baldin, & Magnabosco-Martins, 2015; Dawalibi, Goulart, & Prearo, 2014), depressão entre os participantes (Batistoni, *et al.*, 2011), treinamento de habilidades sociais (Carneiro, & Falcone, 2013) e manutenção do desempenho cognitivo (Casemiro, *et al.*, 2016), ainda são poucos os que se voltam para avaliar os programas oferecidos e a influência que os mesmos possam ter na vida dos participantes.

Exemplar nesse último sentido, é o estudo que objetivou analisar os efeitos, que se mostraram benéficos, resultantes de atividades participativas em grupo, desenvolvidas em uma Universidade particular, no caso, a Faculdade da Idade da Razão, FIR, integrante do Centro Universitário Metropolitano de São Paulo (FIG/UNIMESP), às pessoas idosas frequentadoras da sua programação (Silveira, Lodovici, & Bitelli, 2013).

Entre alguns estudos que se propuseram a avaliar programas, Binotto, Milistetd, Bernedetti e Almeida (2015) tiveram como objetivo avaliar a UATI do município de Irati, PR, por meio do modelo RE-AIM. Este modelo utiliza-se de cinco dimensões: alcance, eficácia/efetividade, adoção, implementação e manutenção para avaliar o efeito de programas de intervenção em ambientes construídos. Por meio de análises de informações obtidas por vídeo, relatórios e documentos institucionais, foi possível concluir que, apesar de o programa ser antigo, possui adoção e alcance baixos, não possui instrumentos que avaliem a sua efetividade, apresenta um custo para sua participação e não há envolvimento de docentes de diferentes áreas.

Os autores concluíram que as UATIs são uma estratégia relevante para promover melhorias no processo de envelhecimento; porém, é imprescindível que avaliações constantes e ações conjuntas de extensão, ensino e pesquisa sejam realizadas para garantir a condução de programas com objetivos sustentados metodológica e cientificamente.

No estudo realizado por Lucas-Molina, Pérez-Albéniz, Fonseca-Pedrero e Ortuño-Sierra (2015), com o objetivo de conhecer em qual medida a percepção do apoio social melhora a saúde mental de alunos que participam de um programa educativo da Universidad de la Experiencia, formaram-se três grupos, sendo um experimental e dois grupos-controle.

Nesse estudo, os participantes responderam ao Questionário de Saúde Geral, à Escala Multidimensional de Apoio Social Percebido e à Escala de *The Medical Outcomes Study-Social Support Survey*. A hipótese inicial era de que os alunos que frequentavam o programa poderiam mostrar melhoras significativas na autopercepção de quantidade e qualidade de apoio social e na saúde mental.

Os autores, porém, não encontraram esses resultados e concluíram que é necessário continuar aprofundando nessa linha de atuação e, também, na exploração dos efeitos de variáveis socioafetivas em estudos longitudinais.

A busca por avaliar os programas oferecidos vem crescendo nos estados modernos, principalmente nos países desenvolvidos, uma vez que se dedica grande quantidade de recursos para formulação e implementação de políticas e programas voltados à melhoria das condições de vida, promoção da saúde e bem-estar das pessoas. Por esse motivo, a avaliação de programas vem se constituindo em uma área de conhecimentos teóricos e metodológicos com identidade própria (Gasparini, & Furtado, 2014).

De acordo com Carvalho (1999), originalmente o conceito de avaliação de programas era de um procedimento que buscava somente a objetividade dos resultados em indicadores quantitativos, sem considerar as variáveis contextuais, processuais e a opinião dos agentes envolvidos, limitando-se a verificar os resultados que podiam ser mensurados numericamente. Segundo o mesmo autor, é nesse cenário que a avaliação participativa ganha destaque, pois a objetividade pretendida é obtida por meio de debates e triangulação entre gestores, comunidade mais próxima e especialistas.

Gasparini e Furtado (2014) concordam com essa afirmação ao descreverem que a combinação dos diferentes atores, no esforço de produzir conhecimento que sirva para a correção e o redirecionamento das ações de determinado programa ou serviço, torna-se relevante para melhorar o próprio desempenho dos mesmos, já que incorpora diferentes pontos de vista e se respalda em experiências diversas, conduzindo a uma avaliação mais democrática.

Bosi e Uchimura (2010) definem a avaliação participativa como um processo que necessita reconhecer e valorizar a centralidade dos processos simbólicos, as práticas discursivas e as percepções dos atores envolvidos, ao invés de se restringir a coletar informações a partir de instrumentos padronizados.

Com a intenção de contribuir para este campo emergente, na interface com as políticas voltadas para o envelhecimento humano, o objetivo desta pesquisa foi realizar uma avaliação participativa de uma UATI, na perspectiva dos idosos nele inscritos. Este artigo é parte de uma pesquisa maior que buscou também a perspectiva de profissionais e gestores participantes desta iniciativa.

Método

Participantes e local

A pesquisa foi realizada com dez alunos matriculados em um projeto de extensão universitária organizado nos moldes das UATIs, em uma universidade pública localizada no sul do Brasil. Os alunos foram selecionados por conveniência, e de acordo com os seguintes critérios de inclusão: ter 60 anos ou mais, estar devidamente inscrito, e estar cursando o segundo semestre do projeto. Dos dez participantes, nove eram mulheres, e um homem, com idades entre 62 e 74 anos. Quanto ao estado civil, seis eram casados, três viúvos e um solteiro. Com referência ao nível de escolaridade, um possuía nível superior; dois possuíam nível técnico; cinco, ensino médio; e dois, ensino fundamental. Quanto à moradia, três entrevistados declararam morar somente com o companheiro ou companheira, três declararam morar com companheiro, companheira e/ou filhos e netos, dois declararam morar sozinhos, um com filhos e um com a mãe. Nove participantes declararam estar aposentados e um ainda exercia atividade profissional esporádica.

Instrumento

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada, baseada em um roteiro com questões envolvendo: expectativas em relação a participação no projeto, utilidade e aplicabilidade dos conhecimentos obtidos e recursos didáticos facilitadores da aprendizagem.

Procedimentos

Após ser obtida a aprovação pela coordenadora do projeto e por um Comitê de Ética em Pesquisa, o projeto foi apresentado para o grupo de alunos concluintes (segundo semestre) e feito o convite para fazerem parte da pesquisa, esclarecendo-se o objetivo da mesma. O projeto teve início em 2012, na ocasião da realização da pesquisa participavam cerca de 100 alunos, divididos em duas turmas. Os encontros eram realizados nas tardes de terças e quintas-feiras, nas dependências da instituição e o curso tinha duração de um ano, dividido em dois semestres letivos.

Eram oferecidas aulas e atividades relacionadas aos seguintes temas: educação física, nutrição, treinamento e desenvolvimento pessoal, farmácia, informática, fisioterapia, psicologia, teatro, história, homeopatia e arqueologia.

Com os idosos que aceitaram participar, as entrevistas foram agendadas de acordo com sua conveniência, geralmente uma hora antes do início das aulas e aconteceram na biblioteca ou salas de reuniões cedidas para este fim, para que não prejudicassem a participação dos mesmos no projeto. A pesquisa seguiu todas as recomendações éticas conforme recomendação da Resolução 466/12 (Brasil, 2013). A coleta de dados foi realizada no período de março a maio de 2017.

Análise dos dados

Os dados coletados foram analisados por meio de Análise de Conteúdo Temática (Bardin, 2011). O processo de análise ocorreu em três etapas: na primeira, a pré-análise, foi realizada a leitura flutuante de todo o material; na segunda, a exploração e a codificação do material por meio do recorte das falas analisadas, definidas por classificação dos elementos por diferenciação e agrupamento; e na terceira etapa, o tratamento dos resultados, discutindo-os com base na literatura e ilustrando-os com as narrativas de participantes. O processo de análise do conteúdo gerou as três categorias discutidas neste artigo: satisfação com o projeto, aprendizagens para o cotidiano e recursos didáticos e planejamento. Definiu-se o número de participantes em função da saturação de dados (Strauss, & Corbin, 2008), quando se observaram regularidades nas informações e reincidência temática referentes aos objetivos do presente estudo.

Resultados e Discussão

Satisfação com o projeto

Nesta categoria, buscaram-se as razões apresentadas pelos participantes quanto ao projeto ter ou não alcançado aquilo que esperavam encontrar nas atividades desenvolvidas. Dentre os participantes, oito afirmaram estar satisfeitos em relação ao projeto, considerou-se um participante como parcialmente satisfeito e o outro, como insatisfeito.

Entre os motivos de satisfação encontrou-se o de ter aprendido novos conteúdos e/ou ter tido a oportunidade de atualizar os que já possuíam, como Margarida colocou:

“Hum, muitas coisas que eu não sabia e aprendi (...) Como eu verifiquei essa parte que não sabia (...) eu acho que são pesquisas mesmo que os alunos fazem, uma coisa que eu tinha na cabeça que eu aprendi que já não é mais.”
(Margarida, 71 anos)

Cravo destacou sua satisfação pelo fato de que o programa o motivou a se interessar por novos conteúdos, que antes julgava serem desnecessários, e atualmente acha importantes, como ressalta em sua fala:

“(...) aprendendo as coisas também, né?, tem que aprender, como a aula de hoje que eles vão dar, que pra mim deve ser interessante, porque essa daí eu nunca me interessei [informática], eu falei que nunca ia usar isso, não quero nem saber disso, mas agora eu tô vendo que é bom a gente saber.” (Cravo, 66 anos)

Outro motivo identificado que contribuiu para a satisfação dos alunos foi o aumento da rede de amizades no decorrer do programa. Cravo (66 anos) disse ter conseguido fazer novas amizades durante o curso, apesar de não se considerar uma pessoa tão aberta: *“Ah claro, claro que eu ampliei as amizades, e eu não sou uma pessoa assim que faço amizade fácil, mas sempre tem um ou outro que a gente se relaciona melhor...”* Girassol (63 anos) também concorda com Cravo sobre as amizades, conforme descrito em sua fala: *“Deu pra fazer bastante amizades legais. E tem muita gente que precisa conversar; por isso é muito bom, tanto que a amizade que a gente vai levar depois, né?”*.

Para Orquídea, a satisfação foi parcial, pois apesar de ter conhecido pessoas e adquirido conhecimento, o que considerou positivo, na sua opinião o curso acabou criando uma rotina em sala de aula que não foi interessante. Ela destacou que gostou especialmente da aula de informática no laboratório, pois esta proporcionou uma quebra da rotina, como descreve abaixo:

“Em partes só, né?, porque a gente interagiu, conheceu gente diferente, a gente veio aqui, teve esse laboratório, acho que salvou o curso (risos) sinceramente, pra mim, porque você saiu da rotina (...) e o que a gente não quer é rotina, né/, então vamos dizer assim, não totalmente, mas em partes sim, porque os assuntos são todos relacionados com o que a gente precisa saber, sobre remédios, vencimentos, sabe (...) então, foi legal, bem interessante.” (Orquídea, 63 anos)

Para Azaleia (73 anos), entretanto, as expectativas não foram alcançadas, pois afirmou que o programa ainda não está bem estruturado, o que afetou a qualidade das aulas e as possibilidades de entrosamento entre os alunos, como ilustrado a seguir:

“Sabe, eu achei que ainda não tá bem planejado aquilo que eles estão querendo dar pra gente, não sei, não sei se estou sendo crítica, mas foi o que observei. Tem uns professores que eles mesmos falam que foram requisitados às pressas, que às vezes nem sabiam o que falar, vem aqui fazer pra nós porque não tem ninguém que o faça. (...) então, tem algumas pessoas que fazem transparecer tudo isso e às vezes até falam que não sabiam como se explicar diante da turma; por isso não estou satisfeita.” (Azaleia, 73 anos)

Azaleia relatou também que, em sua opinião, a classe não teve um entrosamento como deveria. Ela relatou que o tempo era muito curto e não foi suficiente para iniciar uma relação de amizade, conforme seu relato:

“Não, amizades íntimas assim não, amizades de se conversar com uma pessoa ou outra, tem muito pouco tempo para isso, porque você chega, senta e assiste à aula, tem um recreio bem pequeno também que você toma seu lanchinho, vai ao banheiro, entra na classe outra vez, toca o sinal, vai embora; quanto ao entrosamento pra mim, não surtiu efeito, não.” (Azaleia, 73 anos)

Os dados apresentados vão ao encontro de outras pesquisas que indicam que o motivo para a procura pelas UATIs se dá principalmente para a ampliação da rede de amizades e atualização ou aquisição de conhecimentos (Pereira, 2014; Cachioni, *et al.*, 2014) e indicam que tais objetivos foram alcançados para a maioria dos participantes deste estudo.

Mesmo que a maior parte dos idosos tenha relatado satisfação com o projeto, cabe refletir sobre as críticas endereçadas pelas participantes Azalea e Orquídea que apontaram motivos diferentes para não estarem totalmente satisfeitas, relacionados à falta de estruturação das atividades e de como são pensadas para atingir os objetivos do projeto.

De acordo com Silva, Silva e Rocha (2017) as UATIs devem ter, em sua concepção, os princípios da participação, cidadania, autonomia e integração, os quais devem colocar o idoso como protagonista. Nessa direção, as autoras sugerem que as UATIs devem contemplar atividades na perspectiva da educação não formal, entendida como aquela que se aprende via processos de compartilhamento de experiências, principalmente em ações e espaços coletivos (Gohn, 2006) e cujas ações e experiências devem ser pensadas para acontecer em espaços e tempos mais flexíveis, ou seja, por meio do aprender fazendo e interagindo com os demais.

Diferente do encontrado, as idosas apontaram atividades rotineiras, compatíveis com a sala de aula tradicional, com professores direcionando o conteúdo para os alunos. Dessa maneira, privilegiavam a relação professor/aluno e criavam pouca oportunidade para a relação aluno/aluno o que poderia ser repensado, uma vez que as UATIs se propõem a fortalecer as interações e integração social de idosos. Tal aspecto pode ser explicado por meio de uma das críticas direcionadas ao projeto: a do pouco preparo dos professores para atuarem no contexto da UATI (“*Tem uns professores que eles mesmos falam que foram requisitados às pressas*”) e que acabam reproduzindo suas práticas, com outras faixas etárias, neste contexto. Tais aspectos serão retomados mais adiante neste estudo.

Aprendizagens para o cotidiano

Uma das questões direcionadas aos idosos foi solicitar que relatassem algo aprendido na UATI que tivesse contribuído para lidar melhor com questões do cotidiano, quer fossem de ordem física, emocional ou sociocultural. Tal questão foi formulada tendo em vista que entre os objetivos das UATIs encontra-se o de oportunizar ao idoso pensar sobre sua inserção no mundo, despertar e ampliar conhecimentos e potencialidades, traçar projetos futuros e dar sentido à vida (Lima, 2000).

A aula de farmácia, que abordou questões sobre uso e conservação de medicamentos, foi a mais lembrada pelos participantes e pode ser ilustrada na fala de Rosa:

“(...) eu gostei muito, porque eu tava tomando uns remédios, o médico receitou; daí ela disse assim que a ginko biloba e esse remédio não combinam, não pode tomar, quer dizer eu fui saber aqui, porque médico não explica para você, e daí eu tive efeito colateral.” (Rosa, 74 anos)

A atividade de expressão corporal proporcionou trabalhar movimentos com o corpo, a timidez e a interação, conforme destacado na fala de Violeta:

“Na aula de expressão, porque eu sou muito tímida, eu quase morro de vergonha, sabe, para falar e tal, e eu tive que falar, e eu falei, não sei de que jeito lá, mas eu falei, então, acho que isso foi bem legal.” (Violeta, 66 anos)

E também no relato de Gérbera: *“...uma aula que eu achei muito interessante, sim, foi aquela da menina do teatro, lá, que deu expressão corporal, parece que desbloqueou um pouco a gente, essa eu achei bem interessante...”*. Gérbera complementou que gosta das dicas passadas pela psicóloga sobre a velhice: *(...) a primeira aula que nós tivemos também que ela falou sobre sentimentos, sentimento da velhice, essa eu achei assim que acrescentou, sabe, trabalhamos os sentimentos; essa me marcou bastante.”* (Gérbera, 62 anos).

Outro tema que também chamou a atenção dos participantes foi a nutrição, conforme consta no discurso de Tulipa:

“(...) eu mudei muito a minha alimentação com as dicas daqui, a minha glicemia sempre era alta, fiz 3 meses atrás e deu 110, fiz recentemente deu 85, por causa da alimentação controlada, só de não usar muitos açúcares. Eu já estou pondo em prática e já estou tendo resultados.” (Tulipa, 65 anos)

Girassol destacou em sua fala que, com as aulas do projeto, aprendeu sobre cuidados a tomar para evitar quedas, como:

“Uma coisa que eu sempre insisti e que meu marido não gosta, eu gosto muito de tapete, e a gente viu que na nossa idade é prejudicial usar tapete em casa, é perigoso tropeçar, entende, então ele disse: ‘Viu?, eu tinha razão quando eu falava pra você’; então, isso aí pra mim, eu sempre teimei, vamos pôr tapete aqui, tapete ali, eu colocava, e ele tirava, era motivo de briga.” (Girassol, 63 anos)

A informática também foi lembrada, como mostram os dizeres de Orquídea:

“Porque a gente vai pro computador mas não sabe as coisas direito, tem que sempre ficar perguntando pros filhos, e eles dizem: ‘Mãe, eu já te ensinei, já te avisei!’ Eles não têm paciência, né?” (Orquídea, 63 anos)

Ainda em relação à informática, outra participante relatou que o aprendizado em aula serviu para que se mostrasse atualizada diante de outros membros da família, indicando o efeito em sua autoestima:

“(...) umas coisas assim que você pensa que não vai aprender, ainda na nossa idade... às vezes eu chego em casa, assim, e ligo pro meu filho, ‘Sabe o que eu aprendi hoje? Tal, tal e tal’, eu falei esses dias, ‘que pendrive, meu filho..., o negócio agora é nuvem’ (risos); ninguém sabia o que era nuvem, (risos) eu falo bem assim, ‘não sou tão burra assim, eu sou bem espertinha quando quero!’” (Violeta, 66 anos)

Outra aula lembrada pelos alunos foi a de programação neurolinguística, que ajudou na mudança de atitudes, conforme relato de Lírio:

“Sim, porque eu acho que você tem que mudar, muitas vezes as coisas, né?, e não ficar na mesmice, você próprio, porque só você pode mudar, né?, as pessoas podem dizer, ‘ah, você precisa fazer isso’, mas se você não tiver o desejo, você não vai fazer. Programação Neurolinguística (PNL) é isso, você tem que mudar algumas coisas que estão te fazendo mal; se você é uma pessoa negativa, tentar ser uma pessoa melhor.” (Lírio, 63 anos).

Margarida não teceu comentário, sobre nenhum conteúdo em particular, mas sobre o efeito da aprendizagem e da convivência com as pessoas no projeto sobre si mesma:

“(...) a gente consegue enxergar que a gente pode mudar também (risos) que às vezes muitas coisas que eu reprimia, não é nada disso, a convivência é muito boa; daí, faz a gente começar a pensar assim: que a gente tá com idade, mas você tem de procurar a oportunidade de aprender cada vez mais (risos); isso eu já consegui, e acho que vou continuar, porque eu já vi que não posso parar, isso eu percebi, que me faz tão bem (risos).” (Margarida, 71 anos)

Girassol destacou em sua fala que obteve informações sobre os serviços prestados na universidade oferecidos gratuitamente à comunidade e dos quais se beneficiou:

“Outra coisa foi bem no comecinho do curso, a gente foi fazer um tour pelos campus, eu tava começando a fazer implante de dente e ia pagar muito caro, aí quando nós passamos aqui a guia aqui falou: ‘Ah, aqui tem dentista, fazem isso, fazem aquilo, fazem implante, vocês têm direito também’, deram o endereço de e-mail, dali uma semana eu fui chamada para fazer implante.”
(Girassol, 63 anos)

Neste cenário, podemos afirmar que a experiência dos participantes desta pesquisa proporcionou aos alunos novos conhecimentos e informações que contribuíram para manejar melhor as questões cotidianas, assim como refletir sobre o momento atual de vida e se reposicionar diante dos outros e de si próprios. Essa constatação vai ao encontro do exposto por Pereira (2014), quando afirma que os alunos maduros procuram por meio das atividades socioeducativas e culturais, minimizar o declínio do envelhecimento, estimulando as funções orgânicas e psicológicas. Dessa forma, é imprescindível que os programas organizem suas atividades com o objetivo de alcançar esse propósito, por meio de metodologias que favoreçam o aprendizado de conteúdos que possam respaldar a pessoa idosa a lidar da melhor maneira com as questões do envelhecimento.

Recursos didáticos e planejamento

Nesta categoria foram reunidos dados relacionados à avaliação dos alunos em relação aos recursos didáticos empregados pelos professores e ao planejamento do projeto, no sentido da contribuição para a aprendizagem e para as experiências vinculadas as atividades propostas.

Dentre os participantes, oito relataram a preferência por aulas práticas, com interação com os demais participantes; duas pessoas relataram preferir aulas expositivas com linguagem acessível e com professores atenciosos. No seu depoimento, Gérbera ressaltou a preferência pelas aulas práticas, ao afirmar que: *“(...) para o idoso, o efeito da prática é melhor, porque tudo a gente precisa de movimento, nós temos que exercitar; o movimento, mental e físico, entendeu...”*.

Azaleia, por sua vez, a partir da crítica feita pela pouca oportunidade de integrar-se com os demais, destacou sua preferência pelas atividades práticas interativas:

“(...) sabe, então, eu acho que tem pouco tempo pra entrosamento; eu não sei se esse entrosamento deveria de ser feito com mais passeios, porque daí se você vai fazer uma viagem, você conversa, se você vai num restaurante, você conversa. Teve uma que fez uma roda lá, perguntou o nome de todo mundo, o que faz, o que gosta, o que não gosta, quase uma dramatização, foi muito prazerosa a aula, né?, tem de ser uma aula mais ativa, mais interativa, sabe.”
(Azaleia, 73 anos)

Essas narrativas indicam a importância de que as aulas sejam planejadas, a fim de não se tornarem excessivamente teóricas ou conteudistas, seguindo o modelo tradicional de transmissão de conhecimento do professor para o aluno. Como o projeto era organizado para os idosos passarem um período de três horas cada tarde, as participantes indicaram que as aulas que incluíram propostas mais ativas foram mais bem-recebidas.

No entendimento de Margarida, para a boa compreensão dos conteúdos, foi necessário contar com professores pacientes e que utilizavam linguagem acessível, sem muitos termos técnicos, o que facilitou a assimilação. Conforme relatado a seguir:

“Não muito científico, né?, com uma linguagem mais fácil, mas fizeram assim (risos) quando a gente não entendia eles explicavam de uma forma mais fácil; claro que não foi nada difícil assim, eu prefiro que eles passem lá na frente primeiro e depois discutam no final; aí sim, que só falar, falar também não dá, ainda mais para nós, né?, que não temos prova (risos); tem que ser muito interessante a explicativa.” (Margarida, 71 anos)

Quando perguntado a Rosa sobre sua preferência quanto à didática das aulas, ela relatou que preferiu: *“Aula expositiva, com professor que é atencioso, paciente, positivo”*.

As colocações de Rosa e Margarida vão ao encontro dos dados de Castro e Calvo (2012), ao descreverem que o ambiente mais propício para a educação de idosos é aquele com um clima positivo de aprendizagem para que se sintam acolhidos, tranquilos e sem medo de errar. Para isso, segundo eles, o professor precisa apoiar, motivar e reconhecer as conquistas dos alunos.

Quanto aos conteúdos apresentados, no entendimento de Orquídea, foram interessantes, porém passados em pouco tempo, o que não permitiu seu aproveitamento total:

“(...) então, acho assim, que foi muita coisa dentro de sala de aula, ficou muito trabalho assim de palestras, interessantes, foram bem interessantes, mas também bem pinceladas, né?, porque não tem como aprofundar, porque é só um dia, você não consegue aprender, é que nem informática aqui, né?, o conteúdo é bom, mas você não consegue aprofundar muito, né?, porque aí você só tem uma aula, e você só tem aquilo; então, você não tem tempo de voltar e mexer com eles, com os alunos, entendeu, mas é gostoso também, né?” (Orquídea, 63 anos)

Na mesma direção, para Azaleia, o conteúdo foi extenso e cansativo e não abrangeu tantas atividades práticas:

“(...) porque eu acho que, assim, nessa aula de computação que a gente teve, bastante gente que eu ouvi falar que não consegue assimilar, que tá sendo dado muito rápido, e parece que o foco é vencer o programa da computação e não ensinar os alunos que estão aí. São competentes em ensinar, mas tem muita coisa que precisava ser ensinado e revisado, não só ensinado, porque o idoso tem dificuldade, pra vocês, vocês nascem com o computador nas mãos, vocês sabem tudo, e para o idoso é um mundo desconhecido, então, é isso aí, eu acho que o programa não deveria ser tão extenso, eles deviam ou então separar os que sabem em uma sala, os que sabem menos em outra sala, ou então, outra coisa, ensinar aquilo que as pessoas estão querendo aprender, não ensinar aquilo que eles estão querendo ensinar.” (Azaleia, 73 anos)

As críticas endereçadas ao projeto pelos idosos, quanto à extensa exposição de conteúdos também pode se relacionar às dificuldades apresentadas por alguns participantes quanto à capacidade de reter o aprendido, como na narrativa de Margarida: *“(...) mais é gravar porque, como aquela professora de turismo, que levou a gente para conhecer a parte histórica da cidade, não consegui guardar, né? (risos) mas foi muito interessante as histórias...”*

Algo similar pode ser depreendido dos dizeres de Orquídea seguintes:

“A única dificuldade que eu achei de acompanhar foi que tinha coisa que a gente achava interessante e queria anotar, mas era tudo aqueles slides que os professores passam, né?, se tivesse uma folhinha, uma apostilinha, que a gente comprasse, esse apoio vamos dizer, porque não é tudo que a gente consegue gravar, não é tudo que a gente consegue escrever.” (Orquídea, 63 anos)

Frente ao comentado pelas participantes, vale resgatar o que Castro e Calvo (2012) indicaram em seu trabalho quanto as características que os educadores de idosos precisam manifestar para conseguir êxito no ensino: com relação ao conteúdo, os professores precisam dominá-lo, para que possam transmiti-lo de uma forma interessante aos alunos; com relação ao pedagógico, os educadores necessitam construir um ambiente agradável de aprendizagem, com aulas estruturadas, práticas, com linguagem acessível, interação e troca de conhecimentos entre aluno/professor e aluno/aluno.

Com relação às características pessoais, é imprescindível ao docente ser um bom comunicador, entusiasta, motivador, que permita a participação e que esteja próximo as questões do processo de envelhecimento que seus alunos estão atravessando, gerando um ambiente agradável de estudos.

Às características citadas, acrescenta-se a importância de oportunizar o protagonismo dos alunos na sugestão de assuntos a serem trabalhados e na elaboração do planejamento do curso, parafraseando Azaleia, *“ensinar aquilo que as pessoas estão querendo aprender, não ensinar aquilo que eles estão querendo ensinar”*.

O protagonismo é elemento indispensável para se alcançar as mudanças sociais desejadas que, neste caso, se traduzem em aumentar a participação dos idosos na sociedade, não como mero expectadores ou receptores, mas sim em oferecer espaços nas comunidades onde os idosos possam de fato expor seus anseios em relação às atividades propostas e onde as medidas ou soluções possíveis levem em conta a voz desses atores sociais diretamente afetados pelas ações dos programas.

Apesar de o projeto ter sido bem-avaliado pelos participantes como analisado na primeira categoria, os dados referentes aos recursos didáticos indicam a necessidade de se pensar melhor o formato proposto, pois as narrativas indicaram que, apesar de temáticas diversificadas e interessantes, o que resultou em aprendizagens diversas, as aulas expositivas eram muito frequentes. Além disso, não havia a oportunidade de os professores se aprofundarem, pois, em geral, participavam de um único encontro com os alunos.

As aulas pouco dinâmicas, aquelas com mais conteúdo e menos interação, foram percebidas como sendo menos adequadas para as pessoas idosas, tanto no sentido físico (permanecer sentado muitas horas), quanto cognitivo, de atenção e memorização.

Alguns alunos entenderam que um ano de curso foi pouco e sugeriram que a sua duração fosse maior, conforme consta na fala de Gérbera:

“Eu acho que a gente não devia ter que terminar, eles deviam dar continuidade, eles deveriam passar a gente pra outra turma, entendeu? (risos); eles deviam de prolongar, aí seria bom demais, porque não dá bem um ano que a gente faz, se eles prolongassem, terminou tal, agora montassem um novo esquema, agora vocês vão passar desse pra esse, pra não parar.”
(Gérbera, 62 anos)

No momento da realização da pesquisa, as atividades eram ofertadas em dois semestres apenas, a fim de dar oportunidade a todos os que buscavam o projeto, tendo em vista a grande procura. Contudo, cabe refletir novamente que se os objetivos das UATIs pretendem promover integração social por meio da ampliação da rede de amizades, talvez ofertar atividades contínuas seja mais interessante que o planejamento em dois semestres. Outro aspecto a ser considerado é o interesse demonstrado por alguns participantes em aprofundar o conhecimento adquirido na UATI, aspecto que valida o que já vem sendo realizado, porém indica o interesse em ir além do oferecido.

Considerações Finais

Este estudo teve como objetivo realizar uma avaliação participativa de uma UATI, na perspectiva dos idosos inscritos. Com base nos relatos críticos dos participantes, pode-se dizer que a iniciativa gerou satisfação, principalmente por possibilitar interação e possibilidade de integração social e aquisição de conhecimentos importantes para lidar com o envelhecimento e questões cotidianas. Tal satisfação indicada pelos integrantes valida a proposta como um dos caminhos disponíveis para a promoção do envelhecimento ativo.

Os participantes indicaram que o projeto oferece aulas e atividades com temáticas variadas e de interesse para as pessoas idosas, o que refletiu nas aprendizagens relacionadas ao cotidiano no que diz respeito a: saúde, alimentação, inclusão digital, autoconhecimento, entre outros.

Também perceberam que a aprendizagem foi mais satisfatória em aulas com professores capazes de criar ambiente acolhedor com a valorização do aluno e sua história, que utilizavam linguagem acessível e conteúdo explicado de forma clara. Validaram principalmente as aulas ou atividades que promoviam interação entre os pares.

Por outro lado, os dados indicaram que a UATI estudada ainda precisa avançar quanto à didática empregada por parte dos professores e planejamento do projeto, a fim de se comprometer com os objetivos fundamentais que norteiam a proposta, conforme discutidos neste estudo. Entre os pontos a serem melhorados, apontaram aulas com excesso de conteúdo e pouco interativas, nas quais perceberam maior dificuldade física e cognitiva para o acompanhamento. Indicaram o desejo de aprofundamento em algumas temáticas, bem como dar continuidade além do período permitido que na época da realização da pesquisa era de dois semestres.

Sabe-se que apesar de as UATI existirem no Brasil desde a década de 80, ainda não alcançaram reconhecimento social mais amplo, o que se traduz em poucos recursos materiais e humanos disponíveis para sua profissionalização e avaliações que retroalimentem suas práticas.

Atualmente a grande maioria dos programas acontecem com base na disposição voluntária de inúmeros profissionais que se sensibilizam com a necessidade, mas que não estão necessariamente preparados para exercê-la da melhor maneira. Sendo assim, sugere-se que novas avaliações participativas sejam realizadas nas UATIs, beneficiando o conjunto de iniciativas que já estão em andamento no país e aquelas que se formarão.

Por este caminho, espera-se que possamos aprimorar tais iniciativas e angariar o reconhecimento social e governamental como uma das estratégias para a promoção do envelhecimento ativo. Entende-se que um maior reconhecimento da potencialidade das UATIs pode despertar o interesse e investimentos, tanto intelectual como material, para estas iniciativas e, assim, atrair mais interessados em discutir estratégias de ensino-aprendizagem na velhice e de como elevar a participação dos idosos na elaboração dos programas oferecidos, acentuando o seu protagonismo.

Em relação à contribuição para as metodologias de avaliação de programas, a presente pesquisa suscitou várias reflexões. Entre elas, a de que precisamos ampliar o conceito de participação e considerar que participar envolve decidir o conteúdo do que se quer conhecer e de que forma se quer aprender. Participar supõe ouvir as pessoas que vivenciam os programas de implementação das políticas públicas, mas, não se reduz a só essa forma de participação.

É necessário ressaltar o caráter ativo e protagonista da participação das pessoas nas comunidades. A formulação até o processo de implementação dos programas deve inserir ativamente os idosos em todas as suas instâncias, desde a financeira até a gestão.

A presente pesquisa limitou-se à visão geral dos idosos participantes de uma UATI; portanto, novas pesquisas podem ser propostas, a fim de se conhecer mais detalhadamente as diferentes metodologias empregadas, bem como seus alcances. Dessa forma, entendemos ser possível avançar gradativamente na oferta de espaços sociais realmente comprometidos com o desenvolvimento do envelhecimento ativo, conforme idealizado pela OMS.

Referências

- Baldin, T., & Magnabosco-Martins, C. R. (2015). Oficinas artísticas na universidade aberta para a terceira idade: contribuições para a qualidade de vida de idosos. *Revista Conexão UEPG*, 11(1): 60-73. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/view/6410/4605>.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Batistoni, S. S. T., Ordonez, T. N., Lima-Silva, T. B., Nascimento, P. P. P., Kissaki, P. T., & Cachioni, M. (2011). Depressive symptoms in elderly participants of na open university for elderly. *Dement Neuropsychol*, 5(2), 85-92. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1980-57642011DN05020005>.
- Binotto, M. A., Milistetd, M., Benedetti, T. R. B., & Almeida, F. A. (2015). Programa Universidade Aberta para a Terceira Idade: avaliação do programa por meio do modelo RE-AIM. *Rev. Bras. Ativ. Fís. & Saúde*, 20(3), 309-320. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <https://doi.org/10.12820/rbaf.v.20n3p309>.
- Bosi, M. L. M., & Uchimura, K. Y. (2010). Avaliação qualitativa de programas de saúde: contribuições para propostas metodológicas centradas na integralidade e na humanização. In: M. L. Bosi, & F. J. Mercado (Orgs.). *Avaliação qualitativa de programas de saúde: Enfoques Emergentes*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Brasil. (1994). Lei n.º 8.842 de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 30 junho, 2018, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm.
- Brasil. (2003). Lei n.º 10.741 de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Brasília, DF. Recuperado em 30 junho, 2018, de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm.
- Brasil. (2013). Conselho Nacional de Saúde. Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Diário Oficial da União.
- Cachioni, M., Ordonez, T., Silva, T. B. L., Batistoni, S. S. T., Yassuda, M. S., Melo, R. C., Domingues, M. A. R. C., & Lopes, A. (2014). Motivational Factor and Predictors for Attending a Continuing Education Program for Older Adults. *Educational Gerontology*, 40, 584-596. Recuperado em 30 junho, 2018, de: DOI: 10.1080/03601277.2013.802188.

Carneiro, R. S., & Falcone, E. M. O. (2013). O desenvolvimento das habilidades sociais em idosos e sua relação na satisfação com a vida. *Estudos de Psicologia*, 18(3), 517-526. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2013000300012>.

Carvalho, M. C. B. (1999). Avaliação participativa – uma escolha metodológica. In: E. M. Rico (Org.). *Avaliação de políticas sociais: uma questão em debate*. São Paulo, SP: Cortez.

Casemiro, F. G., Rodrigues, I. A., Dias, J. C., Alves, L. C. S., Inouye, K., & Gratão, A. C. M. (2016). Impacto da estimulação cognitiva sobre depressão, ansiedade, cognição e capacidade funcional em adultos e idosos de uma universidade aberta da terceira idade. *Revista de Geriatria e Gerontologia*, 19(4), 683-694. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/1809-98232016019.150214>.

Castro, J. L., & Calvo, S. M. (2012). El reto de la formación del profesorado para una enseñanza de calidad en las universidades de mayores. *Pedagogía Social*, 19, 155-166. Recuperado em 30 junho, 2018, de: DOI: 10.7179/PSRI_2012.19.11.

Cuenca, M. E. (2011). Motivación hacia el aprendizaje en las personas mayores más allá de los resultados y el rendimiento académico. *Revista de Psicología y Educación*, 6, 239-254. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <http://www.revistadepsicologiayeducacion.es/pdf/69.pdf>.

Dátilo, G. M. P. A., & Marin, M. J. S. (2015). O envelhecimento na percepção de idosos que frequentam uma universidade aberta da terceira idade. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, 20(2), 597-609. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/48932/35460>.

Dawalibi, N. W., Goulart, R. M. M., & Prearo, L. C. (2014). Fatores relacionados à qualidade de vida de idosos em programas para a terceira idade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(8), 3303-3312. Recuperado em 30 junho, 2018, de: DOI: 10.1590/1413-81232014198.21242013.

Eltz, G. D., Artigas, N. R., Pinz, D. M., & Magalhães, C. R. (2014). Panorama Atual das Universidades Abertas à Terceira Idade no Brasil. *Revista Kairós-Gerontologia*, 17(4), 83-94. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2014v17i4p83-94>.

Gasparini, M. F. V., & Furtado, J. P. (2014). Avaliação de programas e serviços sociais no Brasil: Uma análise das práticas no contexto atual. *Serv. Soc. São Paulo*, 117, 122-141. Recuperado em 30 junho, 2018, de: DOI: 10.1590/S0101-66282014000100008.

Gohn, M. G. (2006). Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14(50), 27-38. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2008). *Projeção da população do Brasil por sexo e idade 1980-2050, revisão 2008, n. 24*. Recuperado em 30 junho, 2018, de: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/projecao_da_populacao/2008/.

Lima, M. P. (2000). *Gerontologia educacional: Uma pedagogia específica para idosos uma nova concepção de velhice*. São Paulo, SP: LTr. (152p.).

Lucas-Molina, B., Pérez-Albéniz, A., Fonseca-Pedrero, E., & Ortuño-Sierra, J. (2015). Programas educativos universitario para mayores: evaluación de su impacto en la autopercepción del apoyo social y la salud mental. *Revista Colombiana de Psicología*, 24(1), 47-80. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40362006000100003>.

Ordonez, T. N., & Cachioni, M. (2011). Motivos para frequentar um programa de educação permanente: relato dos alunos da universidade aberta à terceira idade da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 461-474. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232011000300007>.

Organização Mundial da Saúde. (2005). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana de Saúde. Recuperado em 30 junho, 2018, de: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf.

Pereira, E. T. (2014) *A terceira idade na universidade aberta: navegando, buscando, aprendendo em um mar sem fim*. Jundiaí, SP: Paco Editorial.

Silva, N. P., Cachioni, M., & Lopes, A. (2012). Velhice, imagem e aparência: a experiência de idosos da UnATI EACH-USP. *Kairós-Gerontologia*, 15(7), 235-257. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2012v15iEspecial14p235-257>.

Silva, F. M., Silva, A. T. D., & Rocha, R. A. (2017). *Onde estão as UnTI das Universidades públicas Federais do Brasil*. XVII Colóquio Internacional de Gestão Universitária. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/181218>.

Silveira, N. D. R., Lodovici, F. M. M., & Bitelli, F. S. P. G. (2013). Atividades educacionais participativas e seus efeitos benéficos na vida, pessoal e social, de pessoas idosas — caso da Faculdade da Idade da Razão (FIR/FIG/UNIMESP). São Paulo (SP): *Revista Kairós-Gerontologia*, 16(5), 325-343. ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. Recuperado em <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/18683/13881>.

Strauss, A., & Corbin, J. (2008). *Pesquisa qualitativa. Técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada*. (2ª ed.) Porto Alegre, RS: Artmed.

Veras, R. P. & Caldas, C. P. (2004). Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9(2), 423-432. Recuperado em 30 junho, 2018, de: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20396.pdf>.

Wanderbroocke, A. C. N. S., & Moré, C. L. O. O. (2013). Estrutura e funcionamento familiar e a violência contra idosos. *Revista Psicologia Argumento*, 31(74), 395-403. Recuperado em 30 junho, 2018, de: DOI: 10.7213/psicol.argum.31.074.DS03.

Recebido em 05/12/2018

Aceito em 30/03/2019

Flávia Yamasaki – Graduada em Secretariado Executivo Trilíngue pela Universidade Estadual de Maringá, UEM. Mestre em Psicologia pela Universidade Tuiuti do Paraná, UTP.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-1316-2821>

URL: <http://orcid.org/0000-0002-1316-2821>

E-mail: flaviayamasaki@hotmail.com

Ana Claudia Wanderbroocke – Psicóloga. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR. Linha de pesquisa Envelhecimento e Sociedade.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-2876-5326>

URL: <http://orcid.org/0000-0002-2876-5326>

E-mail: anawdb@gmail.com

Denise de Camargo – Psicóloga. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, PR. Linha de pesquisa Envelhecimento e Sociedade.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0001-9092-9988>

URL: <http://orcid.org/0000-0001-9092-9988>

E-mail: denicamargo@gmail.com